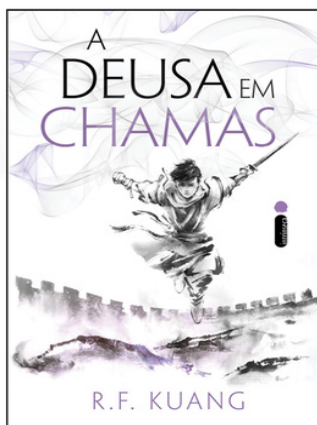
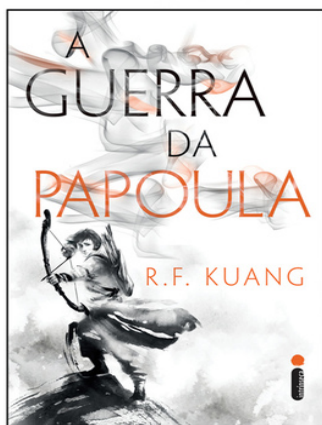


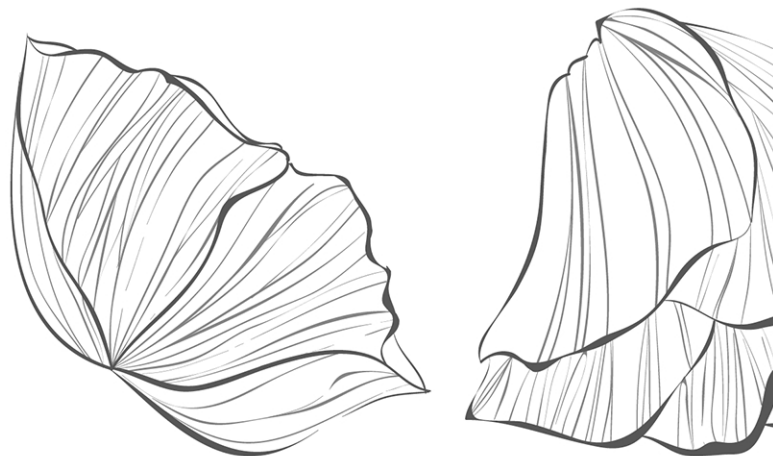
A FÉ AFUNDADA

R.F. KUANG

CONTO EXTRA DA SÉRIE *A GUERRA DA PAPOULA*



intrínseca



A FÉ AFUNDADA

TRÊS HISTÓRIAS CONTADAS DO
PONTO DE VISTA DE NEZHA

CONTO EXTRA DA SÉRIE
A GUERRA DA PAPOULA

R.F. KUANG

Tradução de Helen Pandolfi



Copyright © 2020 by Rebecca Kuang

TÍTULO ORIGINAL

The Drowning Faith — A Collection of Three Stories from Nezha's Point of View

PREPARAÇÃO

Rachel Rimas

IMAGEM DE MIOLO

Sudarat Wilairat / Vecteezy (papoulas)

IMAGENS DE CAPA

Ohm2499 / Shutterstock (fumaça)

© JungShan (montanhas)

Edição digital: 2025

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303

22640-904 – Barra da Tijuca

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

K96a

Kuang, R. F. (Rebecca F.), 1996-
A fé afundada [recurso eletrônico] : três histórias contadas do
ponto de vista de Nezha / R. F. Kuang ; tradução Helen Pandolfi. - 1.
ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2025.
recurso digital (A guerra da papoula ; 2.5)

Tradução de: The drowning faith
Sequência de: A república do dragão
Continua com: A deusa em chamas
Formato: ebook
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-510-1236-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Pandolfi, Helen. II.
Título. III. Série.

25-102134.1 CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439





intrinseca.com.br



[@intrinseca](https://twitter.com/intrinseca)



[editoraintrinseca](https://www.facebook.com/editoraintrinseca)



[@intrinseca](https://www.instagram.com/intrinseca)



[@editoraintrinseca](https://www.tiktok.com/@editoraintrinseca)



[intrinsecaeditora](https://www.youtube.com/intrinsecaeditora)

SUMÁRIO

[\[Avançar para o início do texto\]](#)

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[A fé afundada](#)

[Sobre a autora](#)



— Quem é o verdadeiro deus? — pergunta a Irmã Petra Ignatius.

Nezha sabe que resposta ela espera. Sabe como o jogo funciona, que não se trata da verdade ou do debate, mas da submissão. Bastaria dizer as palavras certas para que ela parasse. Mas aquele foi o limite imposto por ele. Já cedeu todo o resto — o próprio corpo, o orgulho, a dignidade. A alma de seu país. Mas não cederá a verdade.

Ele viu os deuses. Ele os tocou.

Lutou contra eles.

— Quem é o verdadeiro deus?

Dor. Uma dor tão intensa que ele já não sabe quanto mais é capaz de suportar. Nezha deixou de associar dor com morte tempos atrás, já que dor não é algo que pode matá-lo ou feri-lo. Ele sempre se recupera. Gostaria que fosse diferente, que seu corpo não conseguisse se recompor todas as vezes, por mais violenta que fosse sua destruição. Gostaria que a dor extrema fosse a promessa do fim. Mas já aprendeu que sempre vai ultrapassá-la, que sempre vai se curar, sobreviver e renascer para sofrer de novo.

O que é infinitamente pior.

— Quem é o verdadeiro deus?

O Criador. O Autor, o Arquiteto Divino, aquele que concebeu o universo como uma máquina precisa. Uma entidade singular e racional — o centro do cosmos, a origem de tudo que é e sempre será. Diga.

— Quem é o verdadeiro deus?

O verdadeiro deus é o deus deles. Bastaria dizer isso e tudo acabaria.

Não faz sentido que percam tanto tempo todos os dias com a mesma conversa vazia. Não há explicação sensata para toda essa teimosia. Isso não contribui em nada para a pesquisa de Petra. É o oposto: só serve para atrapalhá-la. Distraí-la.

Mas Nezha sabe por que a mulher insiste. Petra é uma cientista, mas também uma discípula. Apesar de todo o discurso sobre racionalismo e processos científicos, no fundo não passa de uma fanática. Como todos os hesperianos. O que sustenta sua fé não é a razão, mas o dogma e o medo, seu aliado inseparável. Ela *precisa* que o Criador seja real. *Precisa* estar certa. Não consegue admitir um mundo em que não esteja.

Nezha, porém, não vai mentir.

— Quem é o verdadeiro deus?

— O caos — responde ele.

Isso é o mais perto que os hesperianos conseguirão chegar de compreender o Panteão. Jamais serão capazes de assimilar sua profundidade, o turbilhão colossal de forças que constituem tudo que existe. Suas mentes não conseguem lidar com tamanha incoerência, com o fato de que os sessenta e quatro deuses não têm vontade, não se importam. Os hesperianos não conseguem aceitar um mundo onde não há intenção. A única palavra que talvez aceitem é caos.

Nezha, no entanto, conhece a divindade. É algo insondável, que não pode ser medido ou estudado, muito menos descrito por uma lógica meticulosamente construída. As forças que originaram o mundo são o oposto da razão. A divindade não é algo que se entende. É o Dragão na gruta. O Dragão dentro dele. São os três loucos que uniram uma nação e destruíram a si mesmos. É dor, eternidade, terror. É um fogo infinito que tudo consome.

É *ela*.

Ele perdeu.

Não consegue acreditar que perdeu. A luta deveria ter terminado em trinta segundos com Rin no chão, deitada de costas e chorando de dor, mas de alguma forma quem está no chão é Nezha, com o rosto pressionado contra a terra. Ele não consegue respirar. Não consegue se mover. Cada tentativa é punida com o cotovelo dela se afundando com mais força em seu pescoço.

Vagamente, percebe que ela ainda está batendo nele, golpeando sua nuca com socos incansáveis, apesar de ele estar claramente

nocauteado e incapaz de se defender. É crueldade...

Não, não se trata de ser cruel. É apenas prudência. Ela está se certificando de que ele não vai se levantar.

Muito inteligente, pensa. É o que ele faria também.

Rin continua. Nezha permanece imóvel, mas ela não dá a mínima. Segura-o pelo cabelo, puxa sua cabeça para trás e bate seu rosto contra o chão mais uma vez.

Dói. Ele se surpreende com o quanto dói. Os ferimentos de Nezha costumam sarar tão rápido que ele mal tem tempo de assimilar a dor, mas vai levar pelo menos alguns minutos para que seu rosto se recupere. Ele sente quando o nariz se quebra. Sente os dentes abrindo o lábio.

Merda, pensa, quando os golpes não cessam. *Mas que merda*.

Qualquer que seja o poder do Dragão, não está ali. Algo o espantou — teria sido ela? Não, deve ser outra coisa. Mas Nezha não consegue raciocinar muito bem. Nem sequer consegue enxergar. O mundo se dissolve em um borrão escuro invadido por lampejos vermelhos que explodem em sua visão toda vez que ela esfrega seu rosto na terra.

Ela vai matá-lo. Talvez realmente o mate.

Então ele sente medo.

Depois de tantos anos tentando encontrar uma forma de morrer, lá estava ele, diante de alguém que talvez de fato fizesse o serviço. E, paradoxalmente, nunca quis tanto estar vivo. Pela primeira vez em uma eternidade, não sente que está se afogando.

— Uma pausa — diz alguém, e a pressão em seu pescoço cede.

Passos pesados atravessam o ringue. Estão interrompendo o combate. Alguém tira Rin de cima dele. Nezha deixa a cabeça tombar no chão e solta um gemido.

* * *

— Vou mandar você para Ankhiluun — informa Vaisra.

Nezha passou apenas alguns dias em casa, recém-chegado de uma temporada em um campo de prisioneiros da Federação que foi como estar no inferno, e ainda assim aquelas são as primeiras palavras que o pai escolhe dizer a ele quando se reencontram.

Mas o que Nezha esperava, afinal?

Um abraço?

— Por que Ankhiluun?

Nezha estremece. Falar ainda dói. Os músculos repuxam feridas que mal terminaram de fechar — uma teia de cicatrizes vermelhas brilhantes que já deveriam ter sumido. Ao que parece, algumas feridas estão além do alcance até mesmo do Dragão. Algumas são violentas demais, incomuns demais.

— Preciso que vá buscar uma ex-colega de classe. É um assunto delicado.

Nezha franze a testa.

— Encontraram Kitay?

— Melhor ainda — responde Vaisra. — Moag encontrou a *speerliesa*.

Porra, pensa Nezha, mas não reage em voz alta. É o tipo de palavreado que não agrada o pai.

— É uma missão que exige muito cuidado. Moag não pode saber o quanto precisamos dela. Acha que a garota volta com você?

— Claro que sim — garante Nezha. — Nós somos amigos.

Ele sente uma empolgação que beira o ridículo. Rin está em Ankhiluun. Rin está *viva*. Nezha não cogitou que ela pudesse estar morta nem por um segundo. Criaturas como Rin são impossíveis de matar. E os boatos que corriam pela costa estavam se tornando numerosos demais para serem ignorados. Tinham chegado até o norte, até o acampamento da Federação em Ankhiluun, onde os soldados estavam começando a entender que tinham perdido a guerra e que talvez não houvesse mais um lar para onde pudessem voltar.

Não. Nezha sempre soube que Rin sairia ilesa. *Ela*, entretanto, acredita que ele está morto.

Nezha pensa na reação dela quando o vir de pé, inteiro e vivo. De repente mal pode esperar para partir.

* * *

Sim, vale a pena. Talvez seja arriscado fazer uma speerliesa achar que está sendo sequestrada. Em retrospecto, ele provavelmente não deveria ter atacado o navio dela. Talvez tenha passado dos limites. Mas ainda assim vale muito a pena.

— Você morreu. — Ela parece prestes a desmaiar. — Eu vi você morrer.

Ele pretendia dizer que estava feliz em vê-la, mas, naquele momento, só quer responder com uma provocação.

— Era para você ser a mais inteligente de todos nós.

— *Que merda é essa?* — grita ela.

Nezha precisa se segurar para não cair na risada.

* * *

— Democracia. — Ela cospe a palavra como se a tivesse provado pela primeira vez e detestado o sabor. Depois balança a cabeça. — Acredita mesmo nessa baboseira?

— Claro que sim — diz ele, confuso.

— Quanta ingenuidade.

— É sério, Rin. Estamos tentando construir uma coisa nova.

— “Estamos tentando construir uma coisa nova” — repete ela, com deboche, imitando o tom dele, antes de voltar a afiar o tridente.

Nezha desiste. Ela não está disposta a ter uma conversa séria, só quer irritá-lo. Às vezes ele se pergunta se Rin realmente luta por algum propósito, ou se seu único propósito é lutar.

Ela gosta de zombar da república dele — dele e do pai. Diz que é a herança garantida de Nezha. Rin acredita que aquela é uma guerra movida por ambição e ganho pessoal e não entende que ele não quer governar. Não quer poder. Não quer um reino.

Mas o que ele deseja nunca teve importância. *Sua vida não pertence a você*, é o que ouve desde a infância. A vida dele pertence ao povo. Seu papel no futuro da nação foi traçado antes de nascer.

— Nossa estrutura de governo é a pior coisa deste império — insiste ele. — É o que há séculos impede nosso avanço. A democracia é o único caminho.

— Bom, parece ser o melhor para a Casa de Yin, isso sem dúvida — rebate ela. — O que acontece se perderem nos votos?

— Há uma transição pacífica de poder.

— *Claro* que há.

Nezha não consegue refutar o cinismo dela. Rin acredita que ninguém é capaz de pensar em algo além do próprio umbigo. Como não tem obrigações com ninguém, o conceito de dever não é algo que compreende. Ela não tem amarras, não carrega pesos que a ancorem. Tem os próprios segredos, uma história triste, mas não permite que a sufoquem. Ela os ignora, os varre para debaixo do tapete, os incendeia.

Nezha gostaria de saber como é ser tão irrefreável. Tão livre.

— Fala sério — diz ela. — Não precisa mentir. Para mim não faz diferença se vocês estão simplesmente trocando um imperador por outro.

— Mas é justamente isso — responde ele. — O sistema imperial tem que mudar. A nação não pode ser governada por uma só pessoa. O governo tem que ser descentralizado.

— Viu só? É por isso que não acredito em você.

— Por quê?

— Porque vocês é que vão ser os detentores do poder — afirma ela. — E porque nunca se descentraliza o poder depois de obtê-lo. Eu não faria isso.

— Todo mundo sabe que *você* não faria isso.

Ela o encara.

— Não é cinismo da minha parte, Nezha. É só a natureza humana.

* * *

Yin Jinzha está morto e a Casa de Yin está de luto.

Vaisra está sozinho no salão quando Nezha recebe permissão para entrar. A sra. Saikhara está ausente. Confinada em seus aposentos, dizem. Parece ter enlouquecido, ficado catatônica, incapaz de repetir qualquer coisa que não o nome do filho favorito.

Ela não perguntou por Nezha. Quando Mingzha morreu, passou um ano sem sequer olhar para ele. A mãe o ama, mas é um amor atormentado e infeliz, maculado pela suspeita persistente de que aquele que retornou da gruta não era de fato o filho.

Vaisra está sentado no trono, devastado. Seus ombros ainda estão curvados devido aos ferimentos sofridos em Lusan. A dor parece tê-lo envelhecido dez anos.

Nezha quer correr até o pai, quer abraçá-lo, mas os costumes e a etiqueta mantêm a distância entre eles.

— Sinto muito — diz o filho. — Sei que deveria ter sido eu.

Vaisra não hesita.

— Sim. Deveria ter sido você.

Um silêncio pesado se instala entre os dois.

— Como minha mãe está? — pergunta Nezha.

— Está com a Irmã Petra — responde Vaisra. — Ela encontra mais conforto com os... sacerdotes.

Nezha se atreve a perguntar:

— E isso é uma boa ideia?

— Não importa. Deixe que a pobre mulher busque consolo onde puder encontrá-lo. Ela me deu três filhos. — Vaisra suspira. — Três.

O que não foi dito paira no ar: dos três filhos, apenas um sobreviveu.

O que paira junto com o silêncio: é o filho errado.

— Vou matá-la — declara Nezha.

Sua determinação é genuína. Ele odeia Su Daji pelo que fez com o país, com sua família. Nunca esteve tão certo da justiça de sua causa.

— Vou destruir a Imperatriz pelo que ela nos fez. Vou trazer a cabeça dela para você, pai, eu prometo... — acrescenta ele.

— Não prometa nada. — Vaisra apenas balança a cabeça. — Você não tem força para isso.

Rin ou os hesperianos. Rin ou os militares. Rin ou a vitória. Só então Nezha aceita os fatos: não há um futuro em que Rin e a República coexistam. Tudo nela é a antítese do que tentam construir. Não há lugar para Rin no mundo que estão criando — e essa verdade inescapável o devora.

Ele a ama.

Disso não há dúvida.

Ama o riso dela, aquele som estridente e repentino. A risada cínica que sempre vem do nada, como se lhe escapasse. Ama seu sorriso determinado e seguro. Ama sua resiliência, sua coragem, até mesmo sua impulsividade.

Ela é tudo que ele não é: livre, inconsequente, indomável. Nezha nunca conheceu ninguém assim. Rin o apavora, e ele a ama tanto que chega a doer.

Ela morre em todos os seus piores pesadelos. Padece aos poucos em seus braços, indefesa e chorando, enquanto sangue quente e escuro escorre entre os dedos dele.

Essa parte Nezha conta a ela.

O que não conta é que pertence a ele a mão que segura o punhal.

* * *

— Você não pode derrotar aquela coisa — diz Nezha. — Você não faz ideia do que está enfrentando.

Ela ri com afronta.

— Acho que faço ideia, sim.

— Não a respeito disso.

É assustador para ele vê-la agir de forma tão arrogante, é assustador que estejam sequer tendo aquela conversa. Rin é corajosa, mas é tola, muito tola, e Nezha não sabe o que fazer. Há muita coisa que ela simplesmente não entende.

— Você nunca mais vai me fazer qualquer pergunta sobre esse assunto.

Ela dá de ombros.

— Está bem.

Eles ficam em silêncio.

Rin se inclina para trás e deixa os dedos tocarem a água. Chamas sobem e descem em seus pulsos, deslizando com delicadeza sobre as ondas suaves. Está se exibindo, e Nezha sabe. Ela adora fazer isso. Antes não conseguia exercer tanto controle sobre o fogo, mas desde que o recuperou ela o governa com a mesma naturalidade com que move um membro, como se fosse uma força inseparável de seu próprio ser. E ela não consegue parar, encantada com o que é capaz de fazer.

E ele não consegue tirar os olhos dela. É a coisa mais magnífica que já viu.

— Posso fazer outra pergunta agora? — pede ele.

— Vai em frente.

— Você falou sério quando disse que deveríamos formar um exército de xamãs?

Ele ganha coragem ao vê-la surpresa.

— Quando falei isso?

— No Ano-Novo — responde ele, cauteloso. — Na campanha, quando estávamos sentados na neve.

Ela dá de ombros.

— Por que não? Seria maravilhoso. Jamais perderíamos.

Ele tenta manter a voz calma, tenta não deixar nada transparecer.

— Você sabe que isso é exatamente o que os hesperianos temem.

— Por um bom motivo. Eles estariam ferrados, não é?

Nezha engole em seco. É um teste e Rin está indo mal. Ele sente seu coração se despedaçar, mas segue em frente.

— Você sabia que Tarcquet quer suspender todas as atividades xamânicas?

Ela franze a testa.

— Como assim?

— Você promete nunca mais invocar seus poderes e é punida se o fizer. Todos os xamãs vivos no Império são reportados e todo o conhecimento escrito sobre xamanismo é destruído para que não possa ser transmitido.

— Muito engraçado.

— Não estou brincando — insiste ele. — Você teria que cooperar. Se nunca mais invocar o fogo, estará a salvo.

Ele quer contar tudo. Quer explicar o que está em jogo: se ela não cooperar com os hesperianos, vai morrer. Eles estão construindo um mundo novo e glorioso onde não há lugar para Rin e seus deuses.

Se Rin souber o que está em jogo, vai dizer o que for preciso. Ou vai atacar primeiro, o que significa que a cabeça dele vai rolar.

A próxima resposta dela é a última chance. Nezha precisa saber quais são suas motivações.

Mas sempre soube, não soube?

— Até parece — zomba ela. — *Acabei* de recuperar o fogo. Não tenho intenção de abrir mão dele.

Por favor, Rin. Por favor, só desta vez, não seja valente. Use a cabeça.

— E se tentarem forçá-la a desistir dele? — pergunta Nezha em um sussurro.

Mal consegue pronunciar as palavras.

— Então boa sorte para eles — responde ela no mesmo instante, despreocupada, cruel e cheia de desdém, depois volta a brincar com as chamas sobre a água.

E ele tem a sensação de estar sufocando, afundando, sem chance de se salvar.

Nezha quer acreditar que tem escolha, que, se fizer o que está prestes a fazer, pelo menos será por *vontade própria*. Mas sabe muito bem que não é verdade. Estão ambos presos a forças muito além do que podem controlar: caminhos cruéis que os trouxeram até ali, um contra o outro, nunca do mesmo lado. Suas visões de futuro não se cruzam, não permitem a presença um do outro. Não existe conciliação ou neutralidade. Há apenas o jeito dela.

Ou o dele.

Não importa que a ame. Não importa. Nunca importou.

O que importa é o que ela é e o que está disposta a fazer.

A história se desenrola em desfechos muito cruéis, pensa ele.

Ele se aproxima para se sentar ao lado dela e a toca na altura das costas. Precisa encontrar a ferida já aberta, o lugar onde a faca se afundará na carne sem esforço.

Ela se encolhe, pega de surpresa.

— O que você está fazendo?

— Onde está seu ferimento? Aqui?

— Isso dói.

Mas ela não se mexe. Está embriagada, ou talvez confie nele. Talvez ambos.

— Que bom.

Ela arfa.

— Você... Mas você...

— Não tente falar — murmura Nezha.

Porque o mataria se ela tentasse. Sua determinação é frágil como um fio de cabelo. Bastaria uma palavra e ele desabaria.

* * *

— Senhor.

Nezha ergue o olhar.

— Sim?

O assessor entra. Pela expressão do homem, Nezha percebe que ele está ali há algum tempo. Não é a primeira vez que tenta chamá-lo.

Tem se tornado cada vez mais difícil manter o foco. Seu raciocínio está lento, seu corpo, exausto. Pensou que daria conta de tudo: liderar um exército, unir a base, agradar o pai, agradar os hesperianos. Mas está esgotado. Se seu vigor estava sendo testado, ele certamente falhou.

Percebe-se disperso na sala do conselho. Fica cansado com facilidade durante os treinos. Seu corpo leva cada vez mais tempo para

se recuperar a cada visita ao laboratório.

Precisa que a guerra termine logo, porque não sabe quanto tempo ainda vai conseguir aguentar.

— Temos novidades.

O assessor está hesitante, então só pode ser algo importante. Más notícias — ou notícias excelentes?

Nezha se esforça para manter a concentração.

— Eles...

— Ela está na Província do Galo, senhor — relata o assessor.

Ninguém diz o nome dela na presença dele. Não foi uma regra imposta por Nezha, mas, por algum motivo, nenhum deles se atreve a fazê-lo.

— Então diga a eles — diz Nezha, baixo — que se mobilizem.

O momento pelo qual ele esperava finalmente havia chegado, o confronto que encerraria a longa e sangrenta guerra.

Ele estremece com o pensamento: o rosto dela do outro lado do campo de batalha. Suas chamas incendiando o ar. O punho contra o rosto dele. A dor prazerosa e tão familiar.

Eles estão andando em círculos, ele e Rin, pelo que parece uma eternidade. Mas isso precisa acabar. Todo o resto — as intrigas, as desavenças, todas as disputas políticas — não tem importância alguma. O futuro da República depende de uma única coisa: a morte dela. Nezha sabe o que deve fazer, o que Vaisra espera. É a razão de ter nascido.

Não há tempo a perder. Precisam agir depressa, antes que Rin desapareça do mapa outra vez. O dirigível leva dezesseis horas para atravessar o país, mas apenas seis para ir de Arlong até Tikany. Em seis horas estará diante de Rin. Em seis horas finalmente verão qual dos dois está disposto a pôr fim a tudo.

Ela é a única divindade em que ele já acreditou. O único ser na terra vasta e cruel capaz de matá-lo. E, às vezes, em seus sonhos mais doces, Nezha a imagina fazendo isso.

SOBRE A AUTORA



© Mike Styer Photography 2021

R.F. KUANG é escritora, tradutora de mandarim e bolsista da Marshall Scholarship. Mestre em Filosofia na área de Estudos Chineses por Cambridge e em Estudos Chineses Contemporâneos por Oxford, atualmente cursa o doutorado em Literatura e Línguas do Leste da Ásia em Yale. Pela trilogia *A Guerra da Papoula*, venceu diversos prêmios, além de ter sido indicada aos prêmios Hugo, Nebula, entre outros. Kuang também é autora dos best-sellers *Babel ou a necessidade de violência* e *Impostora: Yellowface*.
